

## A TEMPESTADE: VISÕES OCIDENTAIS DE UM TEMA CLÁSSICO. EXPLORAÇÃO DIDÁCTICA NUMA PERSPECTIVA INTERTEXTUAL

---

*Fernando Patrício de Lemos*

Aristóteles e a sua *Poética* continuam a ser lidos e a inspirar os teóricos da literariedade dos nossos dias, no seu trabalho e responsabilidade de melhor compreenderem e explicarem uma arte ligada à capacidade de linguagem caracterizadora do *homo sapiens*. Como é natural, nem sempre são bem sucedidas as tentativas de modernizar, aprofundando, as intuições que o velho Mestre nos deixou no seu caderno de apontamentos esquemáticos, sobre a Tragédia e a Epopeia. A Teoria (ou Estética ou História) da Recepção constitui, no entanto, uma recente e feliz actualização do conceito de *imitatio*, da qual ainda é justo esperar auspiciosas consequências teóricas e práticas.

Para nós, Portugueses, Camões é um clássico de indiscutível e permanente actualidade, que soube dar resposta à exigência colectiva de celebrar, "com fúria grande e sonora, e não de agreste avena ou frauta ruda, mas de tuba canora e belicosa"<sup>1</sup> a gesta dos Descobrimentos, em um Poema épico que se tem de considerar entre as melhores realizações renascentistas do género. Estando nós *hic et nunc* no mais extremo da *occidua plaga*, precisamente "onde a terra se acaba e o mar começa e onde Febo repousa no Oceano"<sup>2</sup>, a celebrar os quinhentos anos da década

---

<sup>1</sup> Camões, *Os Lusíadas*, I, 5.

<sup>2</sup> *Idem*, III, 20.

decisiva que conduziu à Índia, por caminho marítimo, debruçarmo-nos sobre *Os Lusíadas* é homenagem adequada, pois, ultrapassando os limites de recordar glórias que a voragem do progresso tornou obsoletas, estudamos um objecto vivo.

Não é meu objectivo nesta comunicação desenvolver estudos antigos – Manuel de Lira, Faria e Sousa, Sousa Viterbo constituem marcos fundamentais – ou mais recentes como os de Rebelo Gonçalves e Lourenço de Carvalho (de propósito limito-me a apenas lembrar estes dois Professores do nosso Departamento de Clássicas e já falecidos), que fizeram trabalho meritório e muito completo de identificação de fontes em Camões, especialmente em *Os Lusíadas*. Como escreve L. de Carvalho, "é verdade incontroversa que Luís de Camões IMITOU os poetas latinos, que lia – não temos dúvidas – na língua original, com predilecção (compreensível aliás) por Virgílio, do qual se constituiu émulo convicto"<sup>3</sup>.

Proponho-me, na sequência da teoria literária de Roman Ingarden<sup>4</sup>, em que a função do leitor assume papel central a complementar os vazios e a esclarecer as indeterminações do texto, e na pegada dos que têm ultimamente repensado o conceito de recepção, como Jauss<sup>5</sup>, apresentar o modelo de uma unidade didáctica consagrada ao *topos* épico da tempestade, cuja importância textual se pode inferir do simples facto da sua repetição.

Não deixa de ser significativo que vamos encontrar este mesmo *topos* em manifestações artísticas de outra natureza, como a música ou a pintura. Julgo constituir um dos quadros da ópera de António Vitorino de Almeida *A ocidental praia Lusitana* e, graças à amabilidade do Dr. Rui Mário Gonçalves, professor de Estética e de Literatura e Arte nesta casa, tenho possibilidade de mostrar um diapositivo que representa um quadro pouco divulgado de Mário Cesariny e por ele pintado de maneira singular, nos anos sessenta, em resposta a um concurso cujo tema era precisamente *Os Lusíadas*. Conhecidas estas circunstâncias e a corrente estética de que o autor é um dos pioneiros *intra muros* – o Sobrerrealismo –, não se estranhará que vejamos, na onda enorme e elevada, a ameaça de uma tempestade. Aqui ficam breves referências a estes testemunhos de recepção do *topos* escolhido, que poderão porventura vir a ser melhor integrados na unidade didáctica.

Mas é na análise de textos que têm de se centrar as nossas activida-

<sup>3</sup> Joaquim Lourenço de Carvalho, "Os Lusíadas, "Epopéia Neovirgiliana", in *Separata da "Revista Brotéria"*, vol. 111, nº 5, Lisboa, Novembro de 1980, pp. 393-418.

<sup>4</sup> *Das Literarische Kunstwerk*, Tübingen, 1965<sup>3</sup> foi editada em Lisboa pela Fundação Calouste Gulbenkian, traduzida por Albin Beau, Conceição Puga e João Barrento com o título *A Obra de Arte Literária*, 1979<sup>2</sup>.

<sup>5</sup> Cf. Hans Robert Jauss, *Pour une esthétique de la réception*, Paris, 1978.

des e para este trabalho eminentemente prático<sup>6</sup> foram coligidos testemunhos de recepção de diversos textos e épocas, fornecidos aos alunos para leitura e análise. Não ultrapassou, no entanto, uma fase embrionária a interpretação desses documentos em ordem a tipificar a leitura dos clássicos feita no nosso país. O *corpus* inicial que se circunscrevia aos textos de Camões<sup>7</sup> e de Vergílio<sup>8</sup> foi substancialmente alargado, por imperativo da própria investigação ou da aplicação didáctica.

O contacto com José da Costa Miranda, professor de Cultura Italiana na nossa Faculdade de Letras, que às interferências internas e externas entre a Epopeia Lusa e *Orlando Furioso* de Ariosto tem dedicado a sua vida de estudo<sup>9</sup>, deu ensejo a incluir quatro fragmentos deste texto<sup>10</sup> entre os cotejados. Se aos alunos foi sugerido como fonte de acesso o "romance cavaleiresco vertido em linguagem portuguesa por Xavier da Cunha, ilustrado com as monumentaes composições de Gustavo Doré" (B. N. Res. 381 A), as notas da edição original consultada<sup>11</sup> levaram-me ao cap. XI, 410-748 das *Metamorfoses* de Ovídio, onde nos chocam alguns pormenores de manifesta semelhança com *Os Lusíadas*, não presentes nas outras epopeias. Na busca infrutífera de tradução portuguesa deste episódio, encontrei, com o título *A Tempestade no mar Adriático* (B. N. L20245P) um trabalho feito em 1890 por um aluno (anónimo) da Universidade de Coimbra, que consistia na versão de *Tristium Liber*, I, 4. Em um *corpus* desta extensão tornava-se obrigatória a presença do primeiro de todos os épicos ocidentais<sup>12</sup>, justificada ainda

---

<sup>6</sup> É oportuno recordar como referência *Esquemas de Lições sobre "Os Lusíadas"*, Lisboa, 1972, de Maria do Céu Novais Faria, um trabalho que obteve o 1º prémio em um Concurso da Comissão executiva do IV Centenário da Publicação de "Os Lusíadas".

<sup>7</sup> Trato apenas do episódio que ocupa as primeiras 91 estâncias do Canto VI, menos estudado que o do Adamastor (V, 37-60), que se pode considerar repetição do mesmo *topos*, na tradição de outras epopeias. Servi-me do texto da edição organizada por Emanuel Paulo Ramos, Porto Editora, 1982.

<sup>8</sup> Cf. *Ae.* I, 34-156. Foi ainda facultada a tradução setecentista de João Franco Barreto, editada com o título *Eneida Portuguesa*, pela Imprensa Nacional, Lisboa, 1981.

<sup>9</sup> Refere expressamente o episódio da tempestade na p. 782 de um artigo "Ainda sobre Camões e Ariosto" in *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. XVI, Fund. Calouste Gulbenkian, Paris, 1981. Nele se encontram outras referências bibliográficas.

<sup>10</sup> São eles: II, 27-30 e IV, 51; IX, 16-17; XVIII, 133-145 e XIX, 43-53; XLI, 8-24 e 47-50.

<sup>11</sup> Trata-se de Ludovico Ariosto, *Orlando Furioso*, a cura di Pietro Papini, Sansoni - Firenze, 1970.

<sup>12</sup> Da *Odisseia* de Homero, traduzida por P. Palmeira distribuíram-se três sequências: V, 282-465; X, 1-55; XII, 260-430. Não foi fornecido o texto original, pois poucos alunos sabiam Grego, mas a experiência pode adaptar-se, facilmente, de modo a abranger também a disciplina de Língua Grega.

pelo facto de a sua leitura, em tradução, fazer parte dos programas de Língua Portuguesa do nosso Ensino Secundário<sup>13</sup>.

Está subjacente uma perspectiva de interdisciplinaridade que pode abranger diversas cadeiras como Latim, Grego, Literatura Portuguesa, Cultura Clássica e parece-me que esta unidade didáctica é susceptível de ser adaptada ao ensino Secundário. Na nossa Faculdade já foi aplicada com alunos de Cultura Clássica e Latim I, embora não em condições ideais pois nesse ano eu não era professor de Latim e fui dar três aulas a uma turma de um colega. A descrição do plano geral das aulas e do material didáctico utilizado, que passo a fazer, tem em conta essa prática; abstenho-me, no entanto, de fazer uma programação minuciosa de cada aula, deixando esse trabalho ao critério de cada professor, até porque será diferente conforme os graus de ensino.

Comum a todos os textos, não é difícil encontrar uma série de elementos que localizam e descrevem a tempestade, significativos nas suas semelhanças e diferenças; alguns deles usam o enquadramento homérico de narração mítica para simbolizarem a função genérica, presente em todos, de obstáculo, porventura o último, à realização do projecto encetado. A ultrapassagem da prova pelo Herói integra-o nesse seu estatuto, qualificando-o para prosseguir e atingir a glorificação. Parecia, por isso, adequado e funcional utilizar o contributo da teoria actancial de Greimas como perspectiva para a leitura e análise dos diversos textos.

### I – Texto da *Eneida*

1ª etapa: Primeiro contacto com o texto.

Leitura porventura dialogada do texto da *Eneida* ou audição de leitura expressiva previamente gravada<sup>14</sup>. Vou centrar-me no Latim, mas darei por vezes algumas notas que têm a ver com a aplicação interdisciplinar deste plano. Neste ponto lembro que o episódio da Tempestade de *Os Lusíadas*, interpretado pelos actores Rogério Paulo e Laura Soveral existe em suporte audio (edição do Imave, de 1972). Na experiência feita os alunos não tinham estudado o texto antecipadamente e foi o diálogo orientado pelos princípios da leitura funcional que possibilitou chegar à

---

<sup>13</sup> Acaba de sair na "Colecção Mare Nostrum – Série Didáctica" das Edições Colibri um livro intitulado *Tempestades Épicas*, onde se recolhem todos os textos do *corpus* atrás referido, traduções para a nossa Língua (a versão do episódio de *Metamorfozes* fica a dever-se ao Prof. Dr. Paulo Farmhouse Alberto) e algumas fichas orientadoras do trabalho de leitura e análise.

<sup>14</sup> Na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito da actividade didáctica da cadeira de Latim I, para apresentar a narrativa da tempestade vergiliana, montámos um diaporama.

compreensão do texto. Será talvez preferível fazer o contacto com o texto no fim de uma aula e os alunos levarem um questionário para responderem em casa relativo às etapas seguintes.

2ª etapa: Assinalar as expressões que abrem e fecham o discurso directo (vv. 36, 50, 64, 76, 81, 94, 101, 131, 142), identificação dos respectivos emissores e receptores e função actancial desempenhada por cada um deles.

3ª etapa: Leitura e exploração do texto entre vv. 34 e 50.

A) Interrogatório adequado relativo à primeira frase narrativa permitirá testar, esclarecendo porventura as dúvidas, que os alunos reconheceram, no texto, a localização espacial dos nautas, que navegavam, alegres, já na costa ocidental da Itália; concluíram ainda que, no verso 36, *cum* estabelece uma relação temporal entre a estrutura humana e a superestrutura divina<sup>15</sup>.

É igualmente importante a descoberta do estatuto hierárquico e psicológico de Juno (relativamente a Júpiter) em contraposição com Atena – o texto apresenta estrutura quiasmática adversativa (vv. 37-46) – e extrair as devidas consequências<sup>16</sup> do facto de Ajax ser culpado e Juno assumir toda a responsabilidade pela guerra passada (v. 48), e implicitamente pela perseguição a Eneias.

Os elementos antes coligidos constam de uma transparência, a ser projectada com dupla finalidade: síntese das respostas obtidas na aula até ao momento e modelo de um trabalho a ser efectuado pelos alunos, após leitura pessoal dos outros textos que constituem o *corpus* (cf. Apêndice, quadro I).

B) Os versos 42-45 são particularmente importantes enquanto contêm uma pequena descrição da tempestade com todos os seus elementos: nuvens, raios e relâmpagos, ventos, mar, rochedos.

C) A exploração do texto poderia incidir ainda nos seguintes aspectos gramaticais: vocabulário marítimo, léxico relevante para o Português

---

<sup>15</sup> Veja-se a explicação desta terminologia num artigo de Manuel dos Santos Rodrigues "O episódio de Dido na *Eneida*" in *Estudos sobre a Eneida*, Publicações da Revista *Classica* do Departamento de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1990, pp. 1-19.

Pode ainda chamar-se a atenção dos alunos para o facto de que em *Os Lusíadas*, logo no início da narração (Canto I, 19 e 20), Camões segue de muito perto estes versos do Mantuano.

<sup>16</sup> Podemos inferir, *u.g.* uma ideologia anti-grega, que o Prof. Segurado e Campos descobriu na análise do episódio do Cavalo. Cf. "O Cavalo de Tróia" in *Estudos sobre a Eneida*, pp. 21-69.

(*u.g. telluris, aere*), orações interrogativas com verbo no infinitivo, partículas interrogativas, escansão de alguns versos, *u.g.* 37, 41, 42, 47.

4ª etapa – Análise dos vv.81-123.

A) Os alunos tinham sido convidados a prepararem o texto que descreve propriamente a tempestade (*Ae. I, 81-123*), identificando as palavras em nominativo e agrupando-as em campos semânticos.

B) O diálogo da aula permitiu ir construindo um quadro (cf. Apêndice, II) com as palavras em nominativo agrupadas nos seguintes conjuntos: elementos atmosféricos (ventos, aéreos – céu e marítimos – mar) e elementos humanizados (humanos e navios); juntou-se o(s) verbo(s) correspondente(s).

C) Serão óbvias algumas conclusões:

– Predominam os elementos atmosféricos, em especial os ventos, que, como exército devastador e activo (cf. os verbos), agem com eficácia destruidora.

– São escassas as referências aos navios ou a elementos de navegação; quando ocorrem, nunca vemos os nautas a manejá-los mas antes a serem por eles inconscientemente conduzidos (*u.g. v. 113*). O contexto é, pois, negativo, até porque a descrição do naufrágio de diversas naus e suas consequências se prolonga durante os últimos quinze versos.

– Verbos passivos ou impessoais, conotações e valores semânticos depreciativos envolvem o nome (próprio ou comum) dos heróis, poucas vezes em nominativo. Mesmo *Eneias* está em genitivo na única vez (v. 92) em que é explicitamente citado. A sua função é excessivamente passiva, quase sem ultrapassar o papel de espectador – *ipsius ante oculos* (v. 114) – apenas lutando com palavras – *talia iactanti* (v. 102) – contra inimigos muito perigosos. Conseguiu apesar de tudo sobreviver a esta prova – a primeira em que já não tem o Pai para o substituir ou aconselhar – e ser investido como Herói.

5ª etapa

Comentário à tradução de João Franco Barreto (81-123). Possivelmente os alunos irão identificar os versos em que se aproveita mais ou menos literalmente Camões (ests. 22, 25, 26), o problema acrescido que é traduzir em oitavas heróicas, exigindo a introdução de versos ou palavras que não estão no original e podem de algum modo alterar conotações<sup>17</sup> veiculadas pelo o autor.

<sup>17</sup> A introdução do nome de Eneias a traduzir *ipsius* (28), de *o piloto* (27), de *nadando* (29), a troca da voz activa pela passiva (25) podem atenuar a intensidade do texto original, como acima foi interpretado.

Acrescente-se ainda, a título de exemplo, que os últimos quatro versos da est. 21 dão bem a ideia de coligação dos ventos (vv. 85-6) e que é péssima a tradução de *intonuere* (v. 90) por *se enlutavam* (est. 22), em que se perde o aspecto activo e a onomatopeia, presente em outros lexe-mas da nossa língua como tonitruar, retumbar, ribombar.

Esta breve análise é suficiente para confirmar que estamos perante uma recepção de Vergílio influenciada nitidamente por Camões, como o título da obra sugere: *Eneida Portuguesa*.

## II – Textos de Ovídio

É evidente que, apesar do tempo que já leva a minha exposição, não posso prescindir de algumas breves notas acerca dos textos de Ovídio.

A) Impõe-se realçar, como consta de um estudo que publiquei<sup>18</sup> em 1993, a importância de *Metamorfoses* de Ovídio como fonte de Camões, nomeadamente em relação ao epíteto de Hipótades, à imagem das aves alciónes e à ordem do Piloto para amainarem as velas. Neste momento recordemos apenas este último caso em que a aproximação é nítida – quase parece tradução – não apenas no conteúdo da mensagem de urgência e perigo mas nos processos e arte de a exprimir, respeitando embora as características de cada língua e sistema métrico. Diz Ovídio

*"Ardua iamdudum demittite cornua" rector  
Clamat "et antennis totum subnectite uelum"  
Hic iubet;*

(*Met.* XI, 482-4)

Traduziu Camões:

"Amaina" – disse o mestre a grandes brados  
"Amaina" – disse – "amaina a grande vela!"

(*Lus.* VI, 71, 3-4)

Este passo faz parte de um núcleo central do episódio (474-502), onde poderíamos explorar sobretudo a actividade dos homens em luta contra a tempestade e as referências a elementos técnicos de construção naval ou da arte de marear. Como escreve Georges Lafaye numa nota<sup>19</sup> da sua edição de *As Metamorfoses* para "Les Belles Lettres", "le talent d'Ovide, aimable et facile, s'ingénie à décrire ici les manoeuvres habituelles de la navigation".

<sup>18</sup> "Ecos ovidianos no episódio da tempestade de Camões: um testemunho de recepção", in *EVPHROSYNE*, XXI, 1993, pp. 227-237.

<sup>19</sup> Ovide, *Les Métamorphoses*, Tome III (XI-XV), Texte établi et traduit par Georges Lafaye, Paris, Les Belles Lettres", 1957<sup>2</sup>, p. 17, n. 1.

B) A Elegia IV podia ser estudada para verificar se nesse pequeno texto há elementos originais na descrição da tempestade ou se Ovídio recorre precisamente aos mesmos. Podia ainda ser pedido aos alunos, como trabalho de casa, que analisassem a tradução do anónimo da Universidade de Coimbra.

### III – Breves considerações finais relativas à aplicação interdisciplinar do plano

1 – Com este ponto de partida, supondo que os alunos haviam lido os restantes textos estabelecidos como *corpus*, construíamos um quadro comparativo (cf. Apêndice, III) constituído pelos elementos descritivos da tempestade que aparecem em cada um dos autores.

2 – O preenchimento do quadro comparativo das várias epopeias, segundo os actantes de Greimas, trabalho proposto logo no início quando se analisaram os primeiros versos da *Eneida*, permitirá extrair algumas conclusões:

– Confirma-se que a *imitatio* renascentista, tal como nas Literaturas grega e romana, não é um fenómeno elementar, simples e directo.

– Confirma-se que Ovídio foi um autor muito divulgado e influente.

– Estabelecendo três<sup>20</sup> critérios discriminatórios e classificativos (superestrutura mítica, elemento humano activo e técnicas de navegação), verificamos que *Orlando Furioso* e *Metamorfoses* rejeitam a superestrutura mítica, assumindo os dois restantes elementos, embora com graus diferentes; em *A Odisseia* todos<sup>21</sup> assumem importância harmónica e complementar; em *A Eneida* está presente a superestrutura mítica, tal como em *Os Lusíadas*, onde se retrata o Homem do Humanismo Quinhentista.

Estas foram as minhas sugestões, que, de certeza, a vossa actividade pedagógica vai enriquecer, dando porventura origem a outros planos, diferentes e originais.

---

<sup>20</sup> Em todos os autores a descrição do ambiente atmosférico ocupa um lugar de relevo e, por isso, deixou de ter carácter distintivo.

Seria um outro trabalho ver o modo como cada um desses elementos é utilizado.

<sup>21</sup> A leitura de Homero não deixa qualquer dúvida de que a intervenção "miraculosa" dos deuses não dispensa o trabalho, a arte e astúcia de Ulisses, que tem u.g. de construir a jangada.



## APÊNDICE

Quadro I

LOCALIZAÇÃO		CAUSA		
	RELATIVAMENTE PERTO DO DESTINO	ALTO MAR	AMBIENTE HUMANO	FALTA E CASTIGO
OD. V				
OD. X				
OD. XII				
AE. I	34	34	35 <i>laeti</i>	(41)
LUS. VI				
MET. XI				
ORL. II				
ORL. IX				
ORL. XVIII				
ORL. XLI				

Quadro Ia

	OPONENTE		HERÓI(S)	
	PENSA E DECIDE-SE	PEDE AJUDA A	MEDO	SÚPLICA
AE. I	37-49 Juno	64-75 Éolo (Deiopeia)	92-3 <i>membra</i>	94-101 Ter morrido

Quadro Ib

	ADJUVANTE		
	PENSA E DECIDE-SE	PEDE AJUDA A	INTERVÉM
AE. I	124-30 Neptuno	(131-41) (Euro e Zéfiro)	142-7 <i>imperium pelagi</i>

## Quadro II

AE. I, 81-123

## NOMINATIVOS

V.	ELEMENTOS ATMOSFÉRICOS		ELEMENTOS HUMANIZADOS	
	VENTOS	OUTROS	NAVIOS	HOMENS
81	Venti			
85				
86				
.				
.				
.				
.				

## Quadro III

ELEMENTOS ATMOSFÉRICOS				
OD. V	VENTOS	MAR	CÉU	TERRA
.				
.				
.				

## Quadro IIIa

ELEMENTOS HUMANIZADOS		
NAVIOS	HOMENS	SÍMILES